

Diversidade linguística e desenvolvimento sustentável: educar para viver com mais sabedoria uns com os Outros no Planeta e com o Planeta

Susana Sá*

Ana Isabel Andrade*

Resumo: Perante toda a imprevisibilidade e evolução da nossa sociedade, cada vez mais caracterizada pela sociedade do conhecimento, a educação básica não se pode demitir da sua tarefa de preparar os alunos para estes novos desafios de forma a que possam, no futuro, enquanto cidadãos, contribuir para a construção de um futuro mais solidário e mais sustentável. Consideramos que é imprescindível que a escola prepare os alunos para, por um lado, conviverem de forma salutar numa sociedade cada vez mais diversificada e, por outro lado, trabalharem para a preservação dos recursos do nosso Planeta. Nesta comunicação é nosso intuito, num primeiro momento, reflectir sobre a importância de sensibilizar os alunos para a valorização da diversidade linguística e cultural, alicerçada no respeito e no diálogo intercultural no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável. Esta reflexão tem como ponto de partida o trabalho desenvolvido no quadro de um projecto com uma turma do 1º Ciclo do Ensino Básico «À Procura da Ilha das Palavras».

A análise dos dados recolhidos evidenciou que a relação entre a diversidade linguística e o desenvolvimento sustentável é possível e desejável de ser abordada com alunos deste nível etário, permitindo proporcionar uma integração de saberes e saberes-fazer, essen-

ciais à formação de indivíduos capazes de compreender uma realidade global e inconstante, indivíduos que se pretendem cada vez mais cidadãos activos, críticos e responsáveis, conscientes da sua importância e do seu papel na promoção da igualdade e da sustentabilidade local e global.

Palavras-chave: educação; diversidade linguística e cultural; desenvolvimento sustentável; interdisciplinaridade; gestão curricular.

Introdução

Os problemas globais (ambientais, políticos, sociais e económicos) que hoje enfrentamos constituem uma verdadeira emergência planetária e exigem uma consciencialização de todos na mudança radical de hábitos e comportamentos no sentido de prepararmos uma vida melhor na Terra. Tal implica que os cidadãos actuais, e os das gerações futuras, sejam capazes de estabelecer interligações entre diferentes assuntos, de modo a compreenderem como se organiza e evolui a sociedade, descodificando os desafios dos nossos tempos que não são lineares, nem unidimensionais. Assim sendo, a nossa tarefa como educadores é preparar os alunos para estes novos desafios de forma a contribuirmos para a construção de um futuro mais solidário e mais sustentável.

Durante muito tempo, os saberes essenciais da escola básica estiveram essencialmente

249

* Universidade de Aveiro

ligados às três competências clássicas, *ler, escrever e contar*. Porém, perante a situação de imprevisibilidade e de mudança constante nas nossas sociedades, a escola tem, cada vez mais, a missão de preparar os alunos para o livre exercício da cidadania planetária de tal forma que estes sejam capazes de lidar com os actuais contextos vivenciais, permitindo-lhes gerir o seu presente e projectar o seu futuro como cidadãos realizados, conscientes e actualizados.

Assim, a preocupação da escola deverá ser a de uma integração tão plena quanto possível dos alunos na sociedade globalizada do conhecimento, a promoção de uma «cidadania planetária» que pressupõe o reconhecimento de que pertencemos a uma comunidade global e como tal devemos pensar holisticamente, avaliando, criticando e tomando decisões tendo em conta toda a «aldeia global» (Gadotti et al, 2000: 79).

Para que a educação básica vença este novo desafio deve, mais concretamente, preparar os alunos para **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum e aprender a ser** (Delors et al, 1996), bem como a **aprender a aprender**, aprender a **comunicar adequadamente**, aprender a desenvolver uma **cidadania activa** e um **espírito crítico** e aprender a **resolver situações problemáticas e conflitos** (Cachapuz et al, 2004).

Estas aprendizagens são a base fundamental para que todos possamos aprender a viver em sociedades cada vez mais diversificadas e multiculturais já que «learning together and from one another represents the educational

answer that should be given to the existence of multicultural societies» (Candelier et al, 2004: 21).

Assim sendo, consideramos que integrar a diversidade linguística e cultural no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, de forma interdisciplinar, desde os primeiros anos de escolaridade, contribui para que a escola cumpra a sua função de preparar os alunos para serem futuros cidadãos capazes de interagirem com o Outro de forma consciente e responsável. A sustentabilidade do nosso Planeta não pode ser alcançada sem que as relações que os indivíduos estabelecem, uns com os outros não sejam alicerçadas no respeito e conhecimento mútuo e as diferenças linguísticas e culturais sejam como factores de enriquecimento. Tal constitui-se como um objectivo essencial para a criação de sociedades inclusivas onde a diferença coexista e seja considerada uma fonte de riqueza e desenvolvimento.

Nesta comunicação é nosso intuito, num primeiro momento, reflectir sobre a importância de educar para viver com sabedoria uns com os outros, apresentando uma justificação para a necessidade de sensibilizar os alunos para a valorização da diversidade linguística e cultural. Num segundo momento, pretendemos integrar o trabalho com a diversidade linguística no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, estabelecendo articulações entre língua, cultura e ambiente. Apresentaremos alguns exemplos de propostas pedagógico-didácticas realizadas a partir de um projecto desen-

volvido numa turma do 1º Ciclo do Ensino Básico, «À Procura da Ilha das Palavras», bem como os resultados com ele alcançados. Terminaremos com algumas considerações finais que nos permitem compreender o modo como se pode desenvolver um projecto de sensibilização à diversidade no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, a partir dos primeiros anos de escolaridade.

1- O papel da educação na promoção da diversidade e sustentabilidade

1.1. A sensibilização à diversidade linguística e cultural

Num Mundo tão diversificado linguística e culturalmente é necessário, não só preservarmos a nossa língua e cultura, como adoptarmos uma atitude de intercompreensão, num clima de partilha e de respeito pelo outro linguística e culturalmente diferente.

Nesta linha de pensamento, um pouco por toda a Europa, têm surgido projectos no âmbito do desenvolvimento da consciência linguística dos alunos em que se tem vindo a reflectir sobre a consciencialização para a diversidade linguística.

Defende-se, deste modo, que a escola é o lugar ideal para sensibilizar à diversidade linguística e cultural e que ela pode iniciar-se nos primeiros anos de escolaridade, sendo o local privilegiado para a divulgação do plurilinguismo. Esta sensibilização passa essen-

cialmente pela criação de «...espaços de receptividade a outras línguas e outras culturas... ao convívio com outros modos de ser, estar e de viver» (Ministério da Educação, 2001).

Pressupõe-se assim a importância do desenvolvimento da sensibilidade para as diferenças linguísticas através do desenvolvimento explícito das capacidades necessárias para aprender uma qualquer língua (Strecht-Ribeiro, 1998). Nesta linha, Andrade & Araújo Sá apontam para o facto de análises de experiências pedagógico-didáticas de sensibilização à diversidade linguística e cultural evidenciarem que os alunos modificam a sua atitude em relação às línguas e às comunidades que as falam, mostrando-se mais interessados em relação às línguas e culturas em geral e capazes de obter melhores resultados escolares (2001).

A sensibilização à diversidade linguística e cultural procura desenvolver, nas palavras de Candelier, efeitos positivos em três grandes dimensões:

- a) ao nível das representações e atitudes face às línguas;
- b) ao nível de capacidades de ordem meta-linguística/metacognitiva (observação e raciocínio);
- c) ao nível do desenvolvimento uma cultura linguística (saberes sobre as línguas), base de referências múltiplas que conduzam a um melhor entendimento do mundo multilíngue em que vivemos (2001).

Com este tipo de trabalho pretende-se que os alunos, através do contacto com a diversidade de línguas e culturas, desenvolvam

algumas competências, entre elas a competência plurilingue e a competência intercultural que consistem na competência para comunicar pela linguagem e para interagir culturalmente. A opção essencial é considerar que não se trata de sobreposição de competências distintas, mas antes da existência de uma competência complexa, isto é, composta e uma enquanto repertório disponível (Conselho da Europa, 2001).

Importa referir que a aquisição e desenvolvimento destas competências não tem como objectivo tornar os falantes políglotas, mas procurar sensibilizar e motivar para lidar com as diferentes línguas e culturas, em processos de relação, comparação, transferência e interacção com o Outro.

De acordo com Alarcão, é um direito de cidadania os indivíduos terem acesso a mais línguas do que a nativa e, deste modo, podem agir em contextos comunicacionais alargados. «Como igualdade começa a ser aceite que cada pessoa possa exprimir-se na sua própria língua, ou naquela ou naquelas que melhor domina, aceitando-se o princípio da comunicação plurilingue coadjuvado pela vontade de intercompreensão» (2001: 54). Assim, as línguas e as culturas têm de ser vistas como novas formas de literacia decorrentes da vivência em sociedades cada vez mais diversificadas linguística e culturalmente

Se para muitos alunos «a escola continua a ser ainda o local privilegiado de encontro com o outro, linguística e culturalmente diferente, importa fazer dele também um lugar de promoção de atitudes positivas em

relação à alteridade, isto é, a outras línguas e culturas» (Martins, Andrade & Bartolomeu, 2002: 107). De facto, a educação é um pilar fundamental para o progresso de todos os povos bem como um instrumento capaz de nos tornar mais livres e mais solidários nas nossas relações. Atentemos, a propósito, nas palavras de Roberto Carneiro quando afirma que «formar espíritos abertos à diferença cultural e à sã convivência humana configura porventura o desafio mais instantâneo que se coloca a todos os sistemas educativos que não se demitem de afirmar a sua presença activa na construção de uma história de paz e de tolerância, num mundo condenado cada vez mais seguramente à explosão da diversidade» (2001: 73).

Deste modo, torna-se premente preparar as crianças para viver em sociedade como cidadãos críticos e capazes de valorizar a diversidade linguística e cultural sendo imprescindível conceber esta sensibilização para as línguas e culturas no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, que prepare os alunos não só para uma vida com mais harmonia e compreensão uns com os outros, como para uma vida com mais qualidade e responsabilidade na sua relação com o ambiente e o nosso Planeta.

1.2. Língua, cultura e ambiente

As ligações entre *língua, cultura e ambiente* sugerem que a diversidade biológica, cultural e linguística, apesar de serem dimensões distintas, são manifestações interrelacionadas

da diversidade na Terra. Segundo a UNESCO, a diversidade de ideias, existente através das diferentes línguas e suportada pelas diferentes culturas, é tão necessária como a diversidade de espécies e de ecossistemas para a sobrevivência da humanidade e da vida no nosso planeta (PNUD, 2004). Contudo, apesar de se dar mais atenção, nos meios de comunicação social, à extinção de várias espécies animais e vegetais, a diversidade linguística e cultural está a desaparecer mais rapidamente do que a biodiversidade. Para que compreendamos esta realidade, Skutnabb-Kangas apresenta alguns dados que, numa visão optimista, apontam para que 2% das espécies biológicas possam extinguir-se, mas 50% das línguas podem desaparecer em 100 anos. Numa visão pessimista, 20% das espécies biológicas podem extinguir-se, mas 90% das línguas poderão morrer ou ficar moribundas no espaço de um século (2002). A perda da diversidade linguística diminui a capacidade de adaptação da nossa espécie porque reduz a reserva de conhecimento ao qual podemos recorrer. A cultura humana é uma poderosa ferramenta de adaptação, de conhecimento e a língua constitui o principal instrumento dos seres humanos para elaborar, desenvolver e transmitir essas ideias. Assim, preservar a diversidade linguística trata de «manter vivas las opciones», prevenir «los monocultivos mentales», sendo a diversidade cultural e linguística, tal como a biológica um requisito para a sobrevivência (Maffi, 1998: 19).

O reconhecimento da importância da preservação da diversidade, em todas as suas

manifestações, vai ao encontro do que se entende por educação para o desenvolvimento sustentável cabendo, portanto, à escola um papel fulcral na promoção da diversidade linguística, cultural e biológica, perspectivada de acordo com os pressupostos de uma educação para o desenvolvimento sustentável, os quais passamos, de seguida, a explicitar.

1.3. A importância de uma educação para o desenvolvimento sustentável

253

Na sequência de todos os problemas do foro ambiental, económico e de todas as calamidades sociais que têm caracterizado as sociedades actuais, a nossa situação actual é caracterizada por uma «autêntica emergência planetária», que exige uma rápida mudança nos nossos hábitos e comportamentos se queremos um futuro melhor para nós e para as gerações futuras (Gil-Pérez et Vilches, 2006).

A complexidade da emergência planetária com que nos confrontamos actualmente não pode ser tratada como apenas mais uma notícia, é imprescindível uma atenção cuidada, por parte dos cidadãos, no sentido de exigirem dos políticos a adopção de medidas que possam atenuar esses problemas bem como um espírito crítico, activo e responsável que lhes permita a participação na atenuação dos problemas que existem.

Como a educação desempenha um papel crucial na mudança que se faz sentir, no seu

57th encontro em Dezembro de 2002, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclama os anos 2005 a 2014, a Década para o Desenvolvimento Sustentável, enfatizando que a educação é um elemento indispensável para alcançar o desenvolvimento sustentável. A visão com que esta década foi pensada «is a world where everyone has the opportunity to benefit from education and learn the values, behaviour and lifestyles required for a sustainable future and for positive societal transformation» (UNESCO, 2004: 4).

A educação para o desenvolvimento sustentável é vista como um processo de aprender para mudar, uma aprendizagem sobre como tomar decisões que considerem os futuros da economia, da ecologia e da igualdade de todas as comunidades a longo prazo (Tilbury & Podger, 2004). Construir esse pensamento orientado para o futuro é, sem dúvida, tarefa primordial da educação.

A educação para o desenvolvimento sustentável passa pelo desenvolvimento de capacidades pessoais de análise, avaliação, criatividade, comunicação, cooperação, assim como pelo fortalecimento da motivação e coragem necessárias para a efectiva implementação da mudança. É de referir que esta é uma educação com o objectivo de alcançar a sustentabilidade, diferindo dos enfoques anteriores da educação ambiental, uma vez que visa desenvolver relações mais próximas entre a qualidade ambiental, a equidade humana, os direitos humanos e a paz, não se focalizando apenas na dimensão ambiental.

A aposta da década da educação para o desenvolvimento sustentável é, segundo Gil-Pérez

& Vilches, «convertir a los ciudadanos y ciudadanas en impulsores y sujetos activos de unos cambios que hagan posible la supervivencia de la especie y la plena universalización de los Derechos Humanos (2005). Contudo, importa salientar que não existe um modelo universal de educação para o desenvolvimento sustentável, pois ela tem de ser adaptada aos contextos em que decorre, tendo em conta não só os aspectos económicos, sociais e culturais mas, principalmente, as necessidades, expectativas e contextos vivenciais dos educandos. Ela é tão importante e relevante para os países desenvolvidos como para os em vias de desenvolvimento. Assim, cada país, em cada região, em cada escola, deve criar o seu próprio modelo de educação, definindo objectivos e prioridades de forma a ir ao encontro das condições ambientais, sociais, económicas e culturais que vivencia. Importa salientar que a educação para o desenvolvimento sustentável é destinada a todos e a sua perspectiva de aprendizagem é para a vida inteira, envolvendo diferentes espaços, formais e informais, da infância até a fase adulta.

A educação representa, sem dúvida, um papel crucial na promoção do desenvolvimento sustentável, contudo, quando se fala da necessidade de a integrar no currículo não significa que seja necessário criar uma disciplina específica e separada para abordar as temáticas relacionadas com o desenvolvimento sustentável, nem que sejam dedicadas a esta temática algumas horas por ano no currículo escolar. Muito pelo contrário, a educação para o desenvolvimento sustentável deve ser trabalhada de forma transversal e holística, envol-

vendo todas as áreas do currículo, disciplinares e não disciplinares.

De acordo com Warren, «thinking about sustainable development requires an interdisciplinary approach to addressing environmental and human problems on the earth. No one discipline can provide the particular perspectives, experience, expertise and tools to address the wide range of challenges in moving towards a sustainable future» (1997: 133).

Neste sentido, consideramos fulcral que, a par, de uma educação que consciencialize os alunos para os problemas do foro ambiental e económico-político que ameaçam o nosso Planeta, é imprescindível integrar a diversidade linguística e cultural no quadro de uma educação para o desenvolvimento sustentável, que prepare os alunos para a convivência salutar, para o respeito e diálogo intercultural num mundo globalizado. Esta interdisciplinaridade e integração curricular da sensibilização à diversidade linguística e a educação para o desenvolvimento sustentável é imprescindível uma vez que os problemas globais que hoje enfrentamos implicam que os cidadãos actuais e das gerações futuras sejam capazes de estabelecer interligações entre diferentes assuntos, de compreender interações que lhes permitam entender como se organiza e evolui a sociedade, bem como descodificar os desafios dos nossos tempos. E somente uma integração do desenvolvimento sustentável no currículo de forma global e transdisciplinar pode preparar os alunos para pensarem da forma holística, interactiva e crítica.

2. O projecto de intervenção «À descoberta da ilha das palavras»

2.1. Enquadramento metodológico do estudo

Tendo em conta a problemática apresentada, procurámos, com o estudo que levámos a cabo, identificar estratégias de sensibilização à diversidade linguística e cultural e perceber o modo como podem ser desenvolvidas no sentido de promover uma educação para o desenvolvimento sustentável nos primeiros anos de escolaridade.

Para tal, a metodologia qualitativa de investigação-acção pareceu-nos a mais adequada uma vez que se trata do tipo de investigação aplicada no qual «o investigador se envolve activamente na causa da investigação» (Bogdan & Biklen, 1994: 293) e tem como objectivo contribuir para a solução de problemas concretos, procurando promover mudanças sociais pela intervenção e pela inovação. Ou seja, permite aos professores reflectir sobre a prática, para a reformular e melhorar, o que era intuito do trabalho que pretendíamos realizar.

Os instrumentos de recolha por nós privilegiados foram a observação directa das seis sessões desenvolvidas e a sua videogravação, uma entrevista no final do projecto, realizada a pequenos grupos de alunos, entrevista essa que foi transcrita e sujeita a análise de conteúdo (Pardal & Correia, 1995).

Para além disso, recorreremos à utilização da Escala de Nível de Envolvimento de Leuven, uma escala graduada de 1 a 5, sendo que 1 cor-

responde à ausência de actividade e 5 a uma actividade com momentos muito intensos (Laevens, 1994). Esta escala, constituindo-se como uma análise da interacção verbal e não verbal dos alunos, privilegia o envolvimento como elemento de qualidade das situações educativas. Assim, pressupõe-se que quanto maior for o grau de envolvimento das crianças, maior será a aprendizagem, porque quando a criança se envolve nas actividades está simultaneamente a desenvolver capacidades a diferentes níveis (pessoal, social, motor, linguístico) (Laevens, 1994).

O projecto foi desenvolvido numa turma do 3º ano de escolaridade com 23 alunos, com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos e intitula-se «À procura da Ilha das Palavras». Com ele pretendemos trabalhar diferentes áreas curriculares e contribuir para o desenvolvimento de competências diversas em seis sessões, como se mostra no quadro abaixo apresentado.

É de salientar que todas as sessões do projecto foram iniciadas pela leitura de um excerto do livro «A Ilha das Palavras», de modo a estabelecermos uma ponte entre as diferentes sessões (Letria, 2005). Recorremos a actividades diversificadas como audição de histórias, actividades de observação e identificação de enunciados em diferentes línguas, realização de trabalhos de pesquisa em grupo, visualização e discussão de power-points, representação de situações diárias, entre outras (confrontar Sá, 2007).

2.2. Apresentação e discussão de alguns resultados

Para uma melhor compreensão dos resultados observámos os alunos nas diferentes sessões e recolhemos e transcrevemos os seus testemunhos. Esta informação foi organizada em três grandes categorias de análise,

Quadro 1 – Visão global das sessões

Sessões	Competências Gerais	Áreas
2ª Sessão Vamos descobrir a diversidade linguística	competência comunicativa; competência plurilingue e intercultural;	Língua Portuguesa; Línguas Estrangeiras; Matemática;
3ª Sessão Da diversidade linguística à biodiversidade	competência de realização;	Estudo do Meio;
4ª Sessão A água: um tesouro a preservar	competência existencial; competência de aprendizagem.	Ciências Físicas e Naturais; Formação Cívica; Expressão Dramática;
5ª Sessão As riquezas que nós temos	(Conselho da Europa, 2001).	
6ª Sessão A poesia na ilha das palavras		

nível de envolvimento, percepção sobre os conhecimentos adquiridos e apreciação do projecto.

Em relação à primeira categoria de análise, através da escala de envolvimento de Leuven, que adaptámos à especificidade do nosso estudo, pudemos verificar que as crianças observadas, nas diferentes actividades, se envolveram, em termos globais, de uma forma muito positiva, tendo revelado entusiasmo, interesse e vontade de participar nas actividades.

Assim, a média do nível de envolvimento de todas as crianças foi de nível 3+, o que significa que a actividade foi propiciadora de momentos intensos, capazes de promover aprendizagens significativas.

No que se refere à *percepção sobre os conhecimentos adquiridos*, verificámos, na análise das entrevistas, que, através do projecto proposto, os alunos adquiriram conhecimentos importantes no que se refere ao desenvolvimento sustentável, nas suas diferentes dimensões, conhecimentos esses que poderão contribuir para a mudança de atitudes e comportamentos essenciais na promoção da sustentabilidade. Neste sentido, os alunos desenvolveram atitudes de valorização da diversidade linguística e biológica, de respeito pelo ambiente, pela preservação dos recursos naturais, bem como a vontade de adoptarem comportamentos de consumo mais racional. Consciencializaram-se também da má distribuição dos bens e riquezas. Pelos dados analisados pudemos constatar que a maioria dos alunos compreendeu a necessidade de preservar a água, revelando alguns testemunhos a intenção de mudar

atitudes no que se refere a um consumo de água mais racional e equilibrado nas diferentes actividades do dia-a-dia, «*Eu aprendi muitas coisas sobre os desperdícios de água e aquilo que podemos fazer para a poupar*» (048- A17). O facto de enumerarem, quer nas fichas de registo, quer nas entrevistas, que tinham gostado de contactar com as diferentes línguas, permite-nos concluir que as crianças desenvolveram atitudes de curiosidade, de respeito, de valorização e de abertura em relação à diversidade linguística. Desenvolveram também atitudes de respeito face à diversidade biológica, visíveis na forma como justificam a necessidade da sua preservação e da sua relação com a diversidade linguística: «*As plantas temos que protegê-las porque elas também estão relacionadas com as línguas tal como os animais // se desaparecer uma planta ou um animal também desaparece uma palavra dessa língua*» (091-A1).

Pelos testemunhos que analisámos podemos afirmar que os alunos tomaram consciência da necessidade de intervir na sociedade para a melhorar, reconhecendo o seu papel enquanto cidadãos responsáveis pela construção de um mundo melhor, «*Porque agora está tudo a desaparecer e nós precisamos de ir aprendendo tudo pra / pra depois passarmos para outras pessoas*» (085- A5); «*Foi para aprendermos mais coisas novas e para o Mundo ficar melhor*» (116- A4); «*Então já sei // há muitas pessoas que não sabem como salvar o Mundo mas nós / como já aprendemos podemos lhes ensinar*». Apesar de termos consciência de que, com este projecto, os alunos adquiriram conhecimentos que se começaram a traduzir na

mudança de algumas atitudes e comportamentos, não podemos avaliar quais as atitudes e comportamentos futuros dada a breve duração do projecto e o seu nível etário.

Por fim, relativamente à *apreciação do projecto*, o entusiasmo e o envolvimento demonstrados pelos alunos foram também visíveis nos testemunhos das crianças, durante a entrevista final em que afirmaram ter gostado de participar no projecto, salientando as actividades que mais e menos apreciaram e onde revelaram ter contado aos pais o que estavam a aprender: «*Eu falei aos meus pais sobre as riquezas // contei que algumas palavras tinham vindo de outras línguas / que nós devemos poupar muita água*» (O49- A4).

Sintetizando, os alunos parecem ter compreendido que a preservação da diversidade linguística e cultural faz parte de uma educação para o desenvolvimento sustentável, tendo-se envolvido de forma empenhada e comprometida na causa do desenvolvimento sustentável, num espírito de solidariedade, igualdade, responsabilidade e justiça (Tilbury & Wortman, 2004).

Considerações finais

De acordo com Perrenoud, «os jovens terão de cultivar uma «dupla cidadania»: aprender a conceber-se e a agir como cidadãos da Terra, sem cessarem de pertencer a comunidades mais restritas, e tendo em conta as múltiplas interdependências entre o local e o global» (2002: 122). Partilhando desta linha de pensamento, pensamos poder assegurar

que o nosso estudo, tendo como ponto de partida a diversidade linguística e biológica e o desenvolvimento sustentável, contribuiu para que os alunos tomassem consciência da necessidade de intervir na sociedade para a melhorar, reconhecendo, sem hesitação, o seu papel enquanto cidadãos críticos e responsáveis na construção de um mundo melhor, o que nos permite afirmar que desenvolveram atitudes cívicas promotoras da sustentabilidade.

A construção de um mundo pacífico e democrático requer, na nossa opinião, cidadãos detentores de uma «literacia multicultural» capazes de lidar com a diversidade linguística e cultural (Banks, 2004), bem como de uma «literacia científica» que prepare os alunos para compreenderem os problemas que se passam à escala local e global (Martins, 2006).

Assim, é nossa convicção que é possível e desejável integrar a diversidade linguística e cultural no âmbito de uma educação para o desenvolvimento sustentável, partindo das temáticas previstas para as diferentes áreas curriculares no 1º Ciclo do Ensino Básico. Contudo, para que tal aconteça, é necessário que os professores sejam sensibilizados e tenham formação específica neste sentido de modo a compreenderem a importância de uma educação em línguas que se inicie desde cedo.

Importa, neste sentido, intervir junto dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, nos mais diversos contextos de formação, com o intuito de os preparar para uma gestão inovadora do currículo conducente a

uma educação capaz de preparar melhor os indivíduos para a compreensão da diversidade presente no mundo. Contudo, não basta sensibilizar os professores para esta temática, é necessário e imprescindível que eles aprendam como fazer, que estratégias e materiais utilizar, que actividades desenvolver, pelo que indicamos também a necessidade de se realizarem mais investigações onde se concebam e avaliem propostas didácticas para a sala de aula.

Acreditamos que a educação para o desenvolvimento sustentável concebida sobre e para a diversidade poderá possibilitar, aos alunos e professores, a compreensão de si mesmos e dos outros e das suas relações, enquanto seres humanos, com os ambientes natural e social, o que se assume, na nossa perspectiva, como um dos saberes básicos essenciais para a construção do respeito mútuo, desenvolvendo competências para o pensar, para o conhecer e para o agir.

Em síntese, importa procurar novos caminhos, construir respostas que correspondam a diferentes alternativas onde novas formas de comunicação e expressão se revelam facilitadoras de novos modos de educação e de promoção das diferentes aprendizagens. É precisamente a procura desses novos caminhos que preconizamos, caminhos que nos conduzam a uma promoção da diversidade linguística e cultural, caminhos que nos levem a uma educação para um futuro sustentável. É essa a tarefa que acreditamos ser da competência da escola do século XXI, o caminho para uma educação que nos permita viver melhor uns com os outros, com o Planeta e no Planeta.

Bibliografia

- ALARCÃO, I. (2001). Intercompreensão e cidadania europeia. Reflexões a propósito dos novos programas de Inglês para o ensino secundário. In *Intercompreensão*, n.º 9. Lisboa: Edições Colibri, pp. 53-63.
- ANDRADE, A & ARAÚJO E SÁ, M. H. (2001). *Para um diálogo entre as línguas: da sala de aula á reflexão sobre a escola*. In Revista Inovação, n.º 14, 1-2, 149-168.
- BANKS, J. (2004). Teaching for social justice, diversity and citizenship in a global world. In *The educational forum*. Vol. 68, pp. 289-298.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- CACHAPUZ, A; SÁ-CHAVES, I; & PAIXÃO, F. (2004). *Saberes Básicos de todos os Cidadãos no Século XXI. Estudos e Relatórios*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- CANDELIER, M. (2001). *Diversité linguistique et enseignement des langues. Perspectives européennes et réflexions didactiques*. Paris in www.cslf.gouv.qc.ca/Publications/PubF149/F149ch9.html (consultado a 15 de Maio de 2006).
- CANDELIER, M. (Ed). (2004). *Janua Linguarum – The gateway to languages. The introduction of language awareness into the curriculum: Awakening to languages*. Council of Europe Publishing.
- CARNEIRO, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem – 21 ensaios para o século 21*. Lisboa: FML.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.
- DELORS, J. (1996). (Org.). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições ASA.
- GADOTTI, M. (2000). *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis. (2ª edição).
- GIL-PÉREZ, D; & VILCHES, A. (2005). *Década de la Educación para el Desarrollo Sostenible. Algunas ideas para elaborar una estrategia global*. In: <http://www.oei.es/decada/estrategia.htm> (consultado a 3 de Outubro de 2005).
- LAEVERS, F. (1994b). (Ed.) *The Leuven Involvement Scale for Young Children LIS-YC*. Leuven: Centre for Experiential Education.
- LETRIA, J. (2005). *A Ilha das Palavras*. Lisboa: Fundação Gil.

- MARTINS, F; ANDRADE, A; & BARTOLOMEU, I. (2002). As línguas da criança e as línguas do mundo: aspectos da gestão da competência plurilingue em alunos do 1º ciclo do E.B. In *I Encontro Nacional da SPDLL – A Didáctica das Línguas e Literaturas em Portugal: contextos de emergência, condições de existência e modos de desenvolvimento*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: DEB.
- PARDAL, L. & CORREIA, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.
- PNUD (2004). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*. Queluz: Mensagem-Serviço de Recursos Editoriais.
- SÁ, S. (2007). *Educação, Diversidade Linguística e Desenvolvimento Sustentável*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SKUTNABB-KANGAS, T. (2002). «Why should Linguistic Diversity be maintained and supported in Europe? Some Arguments». In: *Guide for the Development of Language Education Policies in Europe. From Linguistic Diversity to Plurilingual Education*. Strasbourg: Council of Europe, Language Policy Division [consultado a 11 de Abril de 2005 www.coe.int/T/E/Cultural/Co-operation/education/Languages/Language_Policy/Policy_development_activities/Studies/Skutnabb-KangasEN.pdf]
- STRECHT-RIBEIRO, O. (1998). *Línguas Estrangeiras no 1º Ciclo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- TILBURY, D. & PODGER, D. (2004). Uma década de Oportunidades. *SGI Quarterly*, Outubro/Dezembro. In http://www.bsgi.org.br/publicacoes_quarterly_out_destaque_04.htm (consultado a 10 de Outubro de 2005).
- TILBURY, D. & WORTMAN, D. (2004). *Engaging People in Sustainability. Switzerland: IUCN: World Conservation Union*.
- UNESCO (2004). *United Nations Decade of Education for Sustainable Development 2005-2014. Draft International Implementation Scheme*. UNESCO.
- WARREN, J. (1997). How do we know what is sustainable? In MUSCHETT, F. (1997). *Principles of Sustainable Development*. Florida: St. Lucie Press.